

Narrativas autobiográficas de jovens em conflito com a lei¹

Autobiographical narratives of youth in conflict with the law

Idilva Germano; Francisca Adriana da Silva Serpa

Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, Brasil

[Endereço para correspondência](#)

RESUMO

Mediante Entrevistas Narrativas (Schütze, 1992a; 1992b), oito rapazes em cumprimento de medidas socioeducativas contaram suas histórias autobiográficas. A partir das proposições indexadas e não indexadas dos relatos, foram pesquisadas suas constantes temáticas e textuais. O trabalho foi orientado por uma perspectiva de Psicologia Narrativo-discursiva que integra contribuições de Jerome Bruner, Kenneth Gergen e Mary Gergen e de outros teóricos que postulam a modelação narrativa do self. Os jovens focalizaram a pressão dos pares, o apelo do consumo e a imaturidade como razões para a incursão em delitos, e o medo da morte violenta e precoce como razão para a mudança de vida. As histórias modelaram o sentido de "conversão", por meio de uma linha de intriga regressivo-progressiva que articulou as experiências mais significativas do narrador. Voz ativa ou passiva e estilo realista ou subjuntivo foram empregados de modo a obter certos efeitos de sentido acerca da prática de infração. Conclui-se que a imagem que cada narrador reivindicou para si mostrou-se resultado de um trabalho de reconstrução narrativo-discursiva, vinculado à interação entrevistador-entrevistado.

Palavras-chave: Narrativa autobiográfica; Histórias de vida; Jovens em conflito com a lei; Invenção de si.

ABSTRACT

Eight male youth in conflict with the law were interviewed by using Schütze's Narrative Interview (1992a; 1992b). Thematic and textual regularities in their autobiographies were studied through indexed and non-indexed propositions. This research was conducted in a discursive-narrative psychology perspective which integrates contributions of Jerome Bruner, Kenneth Gergen and Mary Gergen and other authors who posit the narrative construction of the self. The youth focused peer pressure, the drive for consuming goods and immaturity as reasons for initiating illicit activities and the fear of precocious and violent death as a reason for changing a delinquent life course. Their autobiographical histories constructed a meaning of "conversion" by means of a regressive-progressive skeleton plot which articulated the narrator's most significant experiences. Passive or active voices and realist or subjunctive styles were used in order to obtain certain effects of meaning about transgression practices.

We conclude the image each narrator claims for himself is a result of narrative and discursive reconstruction work bound to the interaction between interviewer and interviewee.

Keywords: Autobiographical narrative; Life stories; Youth in conflict with the law; Self-making.

1 VIDAS CONTADAS: EXPLORANDO O CONCEITO DE SELF A PARTIR DA ABORDAGEM DA PSICOLOGIA NARRATIVA

A Psicologia Narrativa apresenta-se como uma perspectiva de compreensão dos fenômenos psicossociais a qual focaliza a natureza narrativa do pensamento e da ação humana. Conjuga teóricos de formação e interesses diversos, que compartilham a idéia de que os seres humanos lidam com a experiência mediante a produção e a recepção de histórias. Como modos fundamentais de dar conta do mundo pessoal e social, a invenção, a narração e a interpretação de histórias são consideradas objetos privilegiados de uma Psicologia cultural e discursivamente orientada.

Os trabalhos de Theodore Sarbin (1986), Kenneth Gergen e Mary Gergen (1986; 2001), Donald Polkinghorne (1988), Jerome Bruner (1994; 1997; 1998; 2001), Brockmeier e Harré (2003) e outros abraçam a narrativa como nova metáfora de base (*root metaphor*) para as Ciências Humanas. Para Sarbin (1986), teórico responsável por cunhar o termo "Psicologia Narrativa" na década de 1980, a narrativa substitui outras metáforas já gastas nos modelos teóricos das humanidades, especialmente a da máquina, subjacente à visão mecanicista e à sua busca por descrever forças e causas. A narrativa como metáfora de base convém à visão de mundo do contextualismo, que sublinha a centralidade do evento histórico na ação e inteligibilidade humanas². O evento histórico ou ato dramático dinâmico como recurso epistêmico sugere que o real se configura como uma teia de múltiplos eventos interconectados e influenciados pelas ações de vários agentes que buscam satisfazer suas necessidades e metas. A metáfora alude ainda à idéia de "mudança constante na estrutura das situações e nas posições ocupadas pelos atores" (SARBIN, 1986, p. 6). As categorias das Ciências Sociais oriundas do teatro – papel, cena, atores, *script*, desempenho e outras – são tributárias do ponto de vista contextualista e podem ser subordinadas ao conceito mais amplo de narrativa.

Em termos gerais, a perspectiva narrativo-discursiva filia-se ao "paradigma" do construcionismo social e é proposta como um desafio a abordagens em Psicologia Social e da personalidade orientadas por modelos comportamentalistas, humanísticos ou psicodinâmicos que tendem a minimizar a estruturação lingüística e cultural da experiência individual e coletiva (CROSSLEY, 2000). De fato, as investigações construcionistas e construtivistas sociais estão interessadas em compreender os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam e entendem o mundo e a si mesmos. Os termos mediante os quais os seres humanos apreendem o mundo e a si mesmos são artefatos sociais, produtos de interações entre pessoas localizadas historicamente e mergulhadas em sistemas culturais. O que faz certa forma de saber ou entendimento prevalecer no tempo não é fundamentalmente dependente da sua validade empírica, mas das "vicissitudes de processos sociais", tais como "comunicação, negociação, conflito, retórica" (GERGEN, 2003, p. 16).

Particularmente, alguns psicólogos narrativistas estão interessados em acessar os *sentidos* da ação, isto é, o mundo dos estados intencionais (crenças, compromissos, desejos, razões, motivos, valores, teorias) encarnados em variados tipos de narrativas, incluindo histórias "factualis", mitos, lendas, contos de fadas, parábolas, romances, filmes, dramas, autobiografias, conversações, desculpas e outros relatos que envolvem uma seqüência de ações e experiências de atores movidos por estados mentais. A produção e a recepção de histórias parecem configurar fenômenos transculturais, cuja competência é adquirida cedo na infância, não apenas como resultado de habilidade mental, mas também como "uma conquista da prática social", que permite a criança partilhar os sentidos disseminados em sua cultura, interpretar o mundo e agir sobre ele (BRUNER, 1997, p. 66).

Mais que um enunciado, mais que um ato de relatar ou ainda um "modo" de expressão universal (oposto ao modo dramático e ao modo lírico), a narrativa é considerada aqui um "princípio organizador" de que os seres humanos se valem para impor coerência e estrutura a fatos e objetos desconexos; é ela que permite pensar, perceber, imaginar e posicionar-se moralmente no mundo da vida (SARBIN, 1986).

Examinando a estrutura e os usos práticos das narrativas de si (*self-narratives*), K. Gergen e M. Gergen destacam as funções que as histórias autobiográficas desempenham na vida do indivíduo e na vida social de modo geral:

[...] a narrativa de si é um artifício lingüístico construído e reconstruído pelas pessoas nos relacionamentos e empregado em relacionamentos para manter, promover ou impedir várias ações. Neste sentido, narrativas de si funcionam mais como histórias dentro da sociedade de forma geral. Histórias não têm capacidades diretivas por si mesmas. Elas são sistemas simbólicos usados para propósitos sociais tais como justificação, crítica e solidificação social. (GERGEN; GERGEN, 2001, p. 163, tradução nossa).

Os relatos narrativos são capazes de articular eventos de tal modo que promovem um sentido de conexão ou de coerência e também um sentido de movimento ou de direção no tempo. A cultura oferece um repertório relativamente limitado de modelos narrativos, cujas regras de construção guiam nossos esforços para compreender a ação humana no tempo. São esses modelos que nos permitem, em especial, dar sentido às situações e eventos que fogem ao curso canônico. K. Gergen e M. Gergen

(1986; 2001) propõem três formas prototípicas de narrativa baseadas no critério de alcance de certa meta ou finalidade, seja esta o bem-estar do protagonista, a destruição do mal, ou qualquer evento ou condição que funcione como objetivo para os protagonistas (por exemplo, a realização de uma tarefa, o casamento, a aquisição de uma habilidade, entre outros). A primeira é a narrativa progressiva, quando os eventos estão articulados de tal maneira que alguém constantemente progride em direção a uma meta. A narrativa regressiva encontra-se em relatos nos quais alguém se afasta continuamente da meta ou condição valorizada. Por fim, a narrativa de estabilidade ocorre quando a seqüência de eventos é articulada de modo que o protagonista permanece basicamente sem alteração em termos avaliativos. Essas formas rudimentares ensinam outras formas híbridas e mais complexas que as culturas humanas consolidaram, dadas a sua eficácia e utilidade do ponto de vista do funcionamento social: a narrativa trágica (caracterizada pela seqüência de um rápido declínio de alguém que conquistou uma alta posição, isto é, uma linha progressiva seguida de uma regressão brusca); a comédia-melodrama (os eventos mostram-se crescentemente problemáticos até que a condição valorizada é recuperada, isto é, uma linha regressiva é seguida por uma linha progressiva); a narrativa "final feliz" (quando uma linha de estabilidade segue uma linha progressiva); e a saga romântica, que envolve uma série de fases progressivas e regressivas. Como as narrativas se dão na arena social, a adoção e a manutenção de qualquer forma narrativa dependem da capacidade do indivíduo de negociar suas versões e avaliações, processo realizado em grande parte de modo tácito e antecipado. Ao contar a sua história, o indivíduo geralmente modela seu relato de acordo com as convenções publicamente aceitáveis, as quais já integram a sua "psicologia popular" (usando aqui a expressão de BRUNER, 1997).

Partindo da recusa do viés essencialista e sob inspiração pragmática, Brockmeier e Harré (2003) concebem a narrativa como realidade discursiva singular que nem se refere a uma entidade "externa", fora do discurso, nem "representa" uma única e verdadeira realidade humana, a ser julgada por algum critério objetivo:

[...] as narrativas não devem ser concebidas como a apresentação de uma versão externa de entidades mentais particulares, pairando em um tipo de condição pré-semiótica. Apresentar algo como uma narrativa não significa exteriorizar algum tipo de realidade interna nem oferecer uma delimitação lingüística para essa tal realidade. Ao contrário, narrativas são formas inerentes em nosso modo de alcançar conhecimentos que estruturam a experiência do mundo e de nós mesmos. Em outras palavras, a ordem discursiva através da qual nós tecemos nosso universo de experiências emerge apenas como um *modus operandi* do próprio processo narrativo. Ou seja, estamos lidando primariamente não com um modo de representação, mas com um modo específico de construção e constituição da realidade, como Bruner (1991) apontou. A fim de estudar esse modo de construção, nós devemos examinar cuidadosamente as maneiras pelas quais as pessoas tentam dar sentido às suas experiências. Elas o fazem, entre outras formas, narrando-as. (BROCKMEIER; HARRÉ, 2000, p. 7-8).

Concebida assim semioticamente, como modo público e interativo de "fazer" a realidade, a narrativa parece exprimir mais um conjunto de normas e instruções e não exatamente uma "descrição" da realidade. Como prática discursiva, a narrativa presta-se a uma variedade de ações: ordenar, reivindicar, justificar, conhecer, enganar, convencer, afirmar-se como ser singular e assim por diante.

Nos parâmetros da abordagem socioconstrucionista, seja nas vertentes mais focadas na análise do discurso e na análise retórica³, seja nas vertentes que enfatizam o modo como os seres humanos fenomenologicamente experimentam o tempo e a mudança mediante a criação de narrativas, o si mesmo é concebido como inseparável da forma como é enunciado e "negociado" em uma comunidade lingüística. Segundo Kerby (2001, p. 125), a idéia de que "o *self* é constituído na linguagem e mediante o uso da linguagem e, mais particularmente, mediante narração de si" opõe-se a duas outras perspectivas da tradição psicológica que consideram o si mesmo como: "a) uma entidade substantiva com prioridade ontológica sobre a práxis; e b) uma instância com prioridade epistemológica, de onde o significado emerge" (KERBY, 2001, p. 125).

Em suma, as concepções discursivas do *self* frisam o papel da práxis comunicativa e rejeitam a idéia de que ele exista previamente à sua enunciação. Nessas perspectivas, a linguagem não seria simplesmente empregada para "representar" o si mesmo que está contido em algum lugar da mente, mas seria o meio pelo qual alguém se constrói reflexivamente como objeto e constrói os demais *sel/ves* com os quais interage.

O *self* narrativo baseia-se na noção de que o ser humano é um contador (e destinatário) de histórias. O si mesmo somente é configurado sob forma narrativa; as pessoas continuamente concebem e organizam sua experiência temporal mediante histórias, que são estruturas fundamentais para dotar de sentido as condições de nossa existência. Suas características incluem, segundo Jerome Bruner (1997) seqüencialidade (a narrativa é composta por eventos que se sucedem no tempo); indiferença da história à realidade extralingüística (a narrativa pode tratar de eventos "reais" ou "imaginários"); capacidade de ligar o excepcional e o comum ou canônico (a narrativa permite compreender eventuais fugas às normas usuais); qualidade dramática (a narrativa envolve atores, ações, metas, cenários, instrumentos e problemas de legitimidade, de modo a assumir uma qualidade moral); "paisagem dual" (a narrativa trata simultaneamente de ações em um plano "objetivo" ou exterior e "subjetivo", ou seja, os eventos mentais no âmbito da consciência dos personagens).

A cultura, com seu acervo de narrativas, fornece elementos para que o indivíduo se constitua reflexivamente (respondendo à questão "quem sou eu?") e dê sentido às outras pessoas e ao mundo. Diferentemente do raciocínio lógico ou "paradigmático" das ciências, o raciocínio narrativo não almeja uma (suposta) verdade histórica ou factual, mas a "verdade narrativa" que uma pessoa ou grupo concebe mediante a organização dos eventos da vida em uma intriga compreensível ou verossímil.

Como afirma Bruner (1994, p. 36), uma vida não é só como ela aconteceu, "mas como ela foi interpretada e reinterpretada, contada e recontada". Nesse sentido, a Psicologia Narrativa tem orientado interessantes estudos de matiz transdisciplinar sobre a necessidade de investigar, sob o prisma da narração, a natureza e o funcionamento do que se chama *self*.

1.1 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NO CONTEXTO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

Na Psicologia, a perspectiva contemporânea de abordar a fabricação lingüística da realidade tem-se debruçado sobre várias problemáticas que envolvem o conflito com a lei, a partir de diferentes linhagens de estudos acerca da produção discursiva e narrativa da identidade pessoal e do *self*⁴.

Adotando a abordagem da Rede de Significações e a concepção de inspiração bakhtiniana de "self dialógico", proposto por Hermans, Silva (2003) discute a questão teórica da continuidade/descontinuidade do *self* e de suas implicações para a compreensão da permanência em (e ruptura com) práticas criminais. Fugindo de abordagens do campo da criminologia e da Psicologia do Desenvolvimento, que tendem a focalizar a continuidade e estabilidade de trajetórias ao longo do ciclo vital, a autora investiga as narrativas de indivíduos com histórias de infração, apresentando a complexidade e as tensões do processo de construção da identidade. Tal processo é compreendido em termos de posições e posicionamentos; há várias posições do "eu" (*I-positions*) que podem ser ocupadas por uma mesma pessoa. Nessa perspectiva, a experiência de si é concebida como heterogênea, descentrada e, até mesmo, antagônica, de tal forma que a pesquisa busca "investigar como se dão as inter-relações entre as posições *assumidas pelo* e *atribuídas ao* participante", no entrecruzamento de múltiplos discursos e vozes a partir dos quais se fabricam as narrativas de si (SILVA, 2003, p. 84).

Lopes de Oliveira (2006), buscando repensar as formulações tradicionais do campo da Psicologia do Desenvolvimento, discute o conceito de adolescência a partir de uma abordagem que integra várias formulações de Psicologia Narrativa (Bamberg, Chandler, Bruner, Nelson e outros) e a perspectiva do *self* como diálogo (Valsiner, Hermans e outros), em oposição à concepção de *self* como entidade autocontida e individuada. A articulação resultante permite iluminar pontos de convergência dos estudos contemporâneos sobre a fabricação de si (em particular, do *self* adolescente) e defender uma abordagem de pesquisa na área atenta às narrativas produzidas pelos jovens em contextos e interações específicos. A perspectiva narrativista-dialógica, no estudo de jovens em contexto de privação de liberdade, leva a privilegiar a análise microgenética da interação verbal entre pesquisador e entrevistado, de modo a observar como o adolescente elabora, intersubjetivamente, novas significações sobre si, articulando vozes de diferentes grupos sociais e contextos socioinstitucionais (LOPES DE OLIVEIRA; VIEIRA, 2006). As medidas socioeducativas implicam sistemas semióticos singulares que circunscrevem o modo como os adolescentes se apresentam, de tal maneira que suas narrativas encarnam os discursos e as práticas da ordem institucional, bem como o conjunto de crenças e valores da cultura juvenil em tais contextos. A pesquisa narrativista-dialógica de delineamento microgenético promove um encontro para a ressignificação negociada dos sentidos sobre os atos de infração e os eventos marcantes vividos, que pode resultar na mudança de atitude do adolescente.

Nesta pesquisa, alinhada a uma perspectiva narrativista de matiz sintético, próxima à adotada por Lopes de Oliveira e Vieira, procuramos examinar como jovens cumprindo medida socioeducativa relatam sua trajetória de vida até o presente, focalizando a estruturação narrativa das histórias contadas: que estilo ou tipo de história é produzido; como se dá a seleção dos episódios considerados significativos; que linha de intriga é favorecida na situação da entrevista; qual a imagem de si reivindicada diante do entrevistador; como o jovem avalia seu percurso; que conhecimento do mundo e de si mesmo é elaborado no relato e como esse conhecimento é tecido culturalmente; e como usa a linguagem para contar sua vida e interagir. Buscamos desvendar o conjunto de regras que levam o narrador a estruturar a sua experiência de uma forma particular, modelando a fábula ou série de acontecimentos comunicados no relato. Uma questão adicional é ver como a experiência compartilhada de conflito com a lei apresenta-se nas narrativas autobiográficas, ensejando regras, metáforas, estilos e outros elementos suscetíveis de análise comparada.

Considerando que somos continuamente convocados a revisar o enredo de nossas vidas à medida que novos eventos se sucedem, indagamos como certos acontecimentos na vida de jovens infratores são

configurados em suas narrativas autobiográficas e como revelam a compreensão do que foram no passado, do que pensam ser no presente e do acreditam vir a ser no futuro. As experiências de infração e de cumprimento de medidas judiciais, com todas as suas conseqüências, mostram-se instigantes para o estudo da construção do *self*, uma vez que costumam configurar situações que induzem à revisão da história de vida, de valores, de saberes e de projetos existenciais.

1.2 A ENTREVISTA NARRATIVA E O MODELO ANALÍTICO

A partir de voluntários participantes do Projeto Mãos Dadas (programa profissionalizante vinculado ao governo do Ceará, que também atende jovens em situação de liberdade assistida), foram selecionados onze rapazes para a realização de Entrevistas Narrativas (daqui por diante E. N.), conforme o modelo sugerido por Fritz Schütze (1992a; 1992b) e comentado por Jovchelovitch e Bauer (2002).

Na E. N., o informante é encorajado a contar livremente a sua história, seguindo sua própria linha de pensamento e de organização narrativa, sem ser interrompido por perguntas ou tópicos do entrevistador. Derivado da Sociologia fenomenológica de Alfred Schütz, o método de análise da E. N. proposto por F. Schütze investiga a sedimentação da experiência biográfica⁵ tal como se apreende da narração do informante. A produção narrativa, embora improvisada, sofre algumas limitações inerentes ao próprio ato de narrar⁶, com as quais todo narrador deve lidar a fim de construir um relato compreensível para si mesmo e para o ouvinte. Um passo importante na análise da narração autobiográfica extemporânea é, portanto, a análise seqüencial e a descrição estrutural das partes constitutivas da história, tal como formalmente elaborada pelo informante. Considera-se que os segmentos da história correspondem a unidades na sedimentação da experiência biográfica por parte do informante. A sedimentação inclui a representação dos eventos externos, das reações internas a esses eventos, e também o entendimento em relação às situações e experiências vividas. No processo de análise, os "conteúdos" mencionados são comparados com processos de comunicação durante a entrevista.

Na primeira fase da E. N., o informante produz um relato espontâneo sobre sua vida, com o mínimo de intervenção do entrevistador até a indicação de finalização por parte do narrador ("coda"). As interrupções só acontecem quando o entrevistador é incapaz de compreender o conteúdo relatado, quando então pede esclarecimentos. Na segunda fase, após essa introdução autobiográfica, o entrevistador faz perguntas concernentes a potenciais narrativos da história contada, que se revelam em alusões, ambigüidades e passagens incompreensíveis. Em seguida, o entrevistador procede a perguntas descritivas sobre situações vividas, outras pessoas, relações sociais e assim por diante. Posteriormente, o entrevistador faz perguntas teóricas sobre a própria teorização do informante. Os narradores costumam revelar suas teorias sobre o que lhes ocorreu sob a forma de comentários argumentativos, que surgem principalmente ao fim de uma unidade narrativa. Nesse momento, o entrevistador pode ainda perguntar as razões de os eventos terem tomado tal curso e de o informante ter se comportado tal como relatou.

Nas entrevistas com os jovens selecionados, as instruções iniciais eram que contassem a história de suas vidas de forma que pudéssemos conhecê-los melhor e que seriam evitadas interrupções por parte do entrevistador enquanto corresse a gravação de suas falas. As eventuais intervenções foram registradas nas transcrições.

Considerando que três narrativas autobiográficas se mostraram demasiadamente curtas (duraram menos de 15 minutos) e insuficientemente detalhadas, foram excluídas do *corpus* a ser analisado. A principal razão para a produção de narrativas muito breves costuma ser o desinteresse do entrevistado de contar a história, associado ou não a problemas no estabelecimento de um ambiente de confiança com o entrevistador. Nesses casos, os relatos não fornecem as informações mínimas, de natureza referencial e textual, exigidas pelo modelo da técnica de E. N.⁷ Desse modo foram aproveitadas oito entrevistas cujas transcrições foram submetidas a um tratamento parecido com o sugerido por Schütze, concentrando, porém, os esforços nos primeiros passos do modelo analítico, a saber:

a) Separação do material indexado (o enredo propriamente dito, extraído das sentenças que exprimem referências concretas quanto a ações, atores, metas, cenário, entre outros) e não indexado (o conjunto de conhecimentos gerais, teorias ou "sabedoria de vida" do narrador)⁸. Uma tabela foi elaborada para cada E. N.:

Tabela 1

Proposições indexadas	Proposições não indexadas
<p>Eu comecei... eu moro lá no bairro Bom Jardim, aí eu sempre fui um cara quieto quando criança.</p> <p>[...] Só que eu fui crescendo e conhecendo a vida como ela é, aí acabei me envolvendo na vida do crime. [...] Aí eu caí a primeira vez. Aí eu passei pouco tempo, aí eu se soltei. Foi em 2004, bem no comecinho de 2004. Aí quando foi no finalzinho de 2005, eu caí de novo [...]</p>	<p>Meu nome é L. tenho 17 anos. Acho que a minha vida, assim, foi um pouco difícil, assim, mas não dificuldade financeira, mas a vida mesmo assim, a decorrência que foi se levando. <i>(Apresentação do narrador e juízo sintético da história a ser contada.)</i></p> <p>Minha infância foi legal com meus irmãos e tal.</p>

Na Tabela 1, registramos as proposições conforme o fluxo da narrativa, de modo a observar a ordem na qual as proposições surgem no relato.

b) Análise do material indexado (análise da história individual, mediante identificação e análise das seqüências narrativas, de modo a observar o trabalho de seleção e articulação textual dos eventos evocados em um “todo” significativo). Inspirados por uma perspectiva morfológica da narrativa, particularmente a noção de “seqüência”, buscamos identificar o modo como proposições se organizavam em unidades narrativas maiores, exibindo um senso de coesão causal, temporal e espacial. Valemo-nos particularmente da noção de Larivaille (1974 apud REIS; LOPES, 1988, p. 185), que define a seqüência como um processo quinário, constituído de situação inicial, perturbação, transformação, resolução e situação final. A sintaxe de toda a narrativa é obtida a partir das conexões interseqüenciais. A organização em tabela apropriada (Tabela 2) ajuda a entender melhor as funções de certos eventos na autobiografia dos jovens. Cada seqüência gera uma macroestrutura ou núcleo narrativo que é seguido por outros até a finalização da história. As seqüências e núcleos construídos pelo narrador nos revelam como ele modela a memória de seu passado na situação da E. N. (o que seleciona como importante e o que omite), como entende os eventos e suas conseqüências e o sentido geral de “sucesso” e “fracasso” das ações do protagonista.

Tabela 2 - Resumo da Seqüência 1 do informante L.

Linha	Transcrição	Seqüência (Fases)	Núcleo narrativo (Macroestrutura)
	Eu comecei... eu moro lá no bairro Bom Jardim, aí eu sempre fui um cara quieto quando criança	Situação Inicial (Criança quieta)	(Ingresso na vida do crime; primeiras experiências com a justiça)
	Só que eu fui crescendo e conhecendo a vida como ela é, aí acabei me envolvendo na vida do crime [...]	Perturbação (Oportunidades do crime)	
	aí eu pensava que era um mar de rosas... assim, era mulher e dinheiro, pensava que a melhor vida que existia era a da vida do crime,	Transformação (Mudança de hábitos e aspirações)	
	aí eu caí a primeira vez. [...] Aí eu passei pouco tempo, aí eu se soltei. Foi em 2004, bem no comecinho de 2004. Aí quando foi no finalzinho de 2005, eu caí de novo [...]	Resolução (Recolhimento a instituição para infratores e recorrência da infração)	
	depois que eu me soltei, eu já tinha sido todo alvejado, eu não queria mais saber da vida não. Aí voltei de novo a mesma coisa.	Situação final (Manutenção dos hábitos de infração)	

c) Análise do material não indexado (análise da teorização do informante, mediante identificação e análise das proposições descritivas e argumentativas do relato, que se referem a como os narradores relatam os eventos externos, suas reações aos eventos, bem como seu entendimento ou interpretação dos eventos vividos). Foram focalizados alguns tópicos diretamente ligados ao auto-entendimento dos informantes sobre o curso de suas biografias: razões para o ingresso em práticas de infração; conseqüências da vida de infração; razões para deixar a vida de infração; fatores que facilitam e dificultam a mudança de vida; desejos e projetos de vida; juízos sobre a família, sobre as medidas socioeducativas, sobre amigos e companheiras; posições éticas e juízos morais sobre ações próprias e alheias; principais medos; teorias gerais sobre a vida e indícios de empoderamento.

Procedimentos de comparação dos relatos autobiográficos foram adotados de forma a pesquisar constantes temáticas, textuais e comunicativas, no grupo de entrevistados sem, contudo, seguir os passos finais da proposta de Schütze (agrupamento e comparação entre "trajetórias individuais"; e identificação de "trajetórias coletivas")⁹.

O número reduzido de informantes e a tendência dos entrevistados de produzirem narrativas curtas e menos detalhadas do que o ideal também impediram que se distinguíssem aspectos previstos no modelo de análise original, especialmente os processos coletivos envolvidos no que o sociólogo chama de "trajetória coletiva"¹⁰ e "movimento social coletivo"¹¹. Tais dificuldades metodológicas, contudo, não são suficientes para comprometer o desenho desta pesquisa, nem impedir a utilização da técnica para a investigação da criação de enredos autobiográficos entre os participantes selecionados. Com efeito, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 105), a E. N. "é uma técnica para gerar histórias; ela é aberta quanto aos procedimentos analíticos que seguem a coleta de dados"

No presente trabalho, apresentamos os principais achados obtidos na análise do material indexado e do material não indexado das entrevistas. Considerando as limitações de espaço, optamos por apresentar uma síntese interpretativa dos enredos construídos, que será ilustrada com excertos das entrevistas à medida que convierem à nossa argumentação. Por fim, apresentamos algumas reflexões resultantes do cotejo das narrativas autobiográficas estudadas que parecem merecedoras de investigação detalhada posterior.

2 INOCÊNCIA PERDIDA, NARRATIVAS DE CONVERSÃO E OUTRAS HISTÓRIAS: LINHAS DE INTRIGA, USO DA LINGUAGEM E AVALIAÇÃO DO CURSO DA VIDA

Os jovens infratores entrevistados, embora não tenham sido solicitados a falar dos delitos que os levaram à Justiça (mas a "contar sua vida"), modelaram suas histórias focalizando justamente a série de ações que antecederam e sucederam suas práticas ilícitas. De certo modo, podemos dizer que, nas circunstâncias das E. N. e motivadas por expectativas sobre o que os entrevistadores gostariam de ouvir, suas histórias de vida modelaram-se como histórias de transgressão e de recuperação relativamente bem-sucedidas; geralmente sobre como um jovem entra "sem pensar" no mundo do crime e sai dele a duras penas. Diante de entrevistadores da área de Psicologia, os jovens tenderam a apresentar-se nos moldes de uma "justificativa", de modo a explicar como suas vidas desviaram-se de uma trajetória modelar, socialmente desejada.

Obviamente, histórias bem diferentes podem ser contadas por esses mesmos narradores (por exemplo, para seus colegas), uma vez que qualquer relato assume uma perspectiva ou ponto de vista "negociado" na interação com o ouvinte. Contudo, a questão da veracidade dos relatos não é considerada importante nesta investigação, mas as estratégias de que os narradores se valem para alcançar verossimilhança e, assim, persuadir o entrevistador de suas versões dos eventos.

No caso dos jovens entrevistados nesta pesquisa, os narradores avaliam a incursão em práticas infracionais como o problema central de suas vidas até o momento, aquilo que os distanciou das metas e objetivos esperados pelo conjunto da sociedade "de bem". O presente modela o passado e ressignifica os episódios antes vividos como prazer e aventura, em termos de "besteira", "vício", "erro", "vida véia". As experiências de "queda" (recolhimento à instituição) e outras de ordem penal, social, familiar e pessoal os provocam a contar outra história, outro roteiro, uma necessidade talvez inexistente quando "tudo ia bem", isto é, quando o jovem não pensava no curso da sua vida como um problema a ser compreendido e solucionado.

O material indexado das narrativas apresentou alguns elementos constantes, como: o apelo que a sexualidade e a virilidade têm para a incursão em práticas de infração (para obter dinheiro e poder de atração com as mulheres); amigos que funcionam como antagonistas (incitando-os aos delitos); episódios recorrentes de tentativas de recuperação seguidas de fracasso; o medo da morte violenta e precoce como uma das principais razões para a mudança de vida.

Uma linha de intriga típica dos entrevistados pode ser delimitada como: infância não problemática ("calma") → entrada no mundo adulto (descobertas sexuais do adolescente, desejo de liberdade e aventura, novas necessidades de consumo, conflitos moderados com a família em virtude da maior autonomia do jovem) → evento-chave ou ponto de mutação que leva à incursão em práticas de infração (consumo de drogas, furtos, assaltos, porte de armas) estimulada por amigos mais experientes → primeira "queda" (recolhimento à instituição para menores) → manutenção ou fortalecimento de hábitos de infração → reincidência e novas "quedas" → evento-chave ou ponto de mutação que leva a deixar o crime → esforço para mudança → dificuldades para deixar a vida antiga → alcance parcial dos objetivos de mudança → esboço de novos projetos.

Uma ilustração desse esquema de narrativa:

Acho que a minha vida, assim, foi um pouco difícil, assim, mas não dificuldade financeira, mas a vida mesmo assim, a decorrência que foi se levando. Eu comecei... eu moro lá no bairro Bom Jardim, aí eu sempre fui um cara quieto quando criança. Minha infância foi legal com meus irmãos e tal. Só que eu fui crescendo e conhecendo a vida como ela é, aí acabei me envolvendo na vida do crime, aí eu pensava que era um mar de rosas... assim, era mulher e dinheiro, pensava que a melhor vida que existia era a da vida do crime, aí eu caí a primeira vez. Aí eu passei pouco tempo, aí eu se soltei. Foi em 2004, bem no começo de 2004. Aí quando foi no finalzinho de 2005, eu caí de novo, só que eu não tava nem aí pra vida não, eu me soltei a primeira vez e depois que eu me soltei, eu já tinha sido todo alvejado, eu não queria mais saber da vida não. Aí voltei de novo à mesma coisa. Pra mim, tava tranquilo. Minha mãe tava tendo tanta dor de cabeça comigo e tal, mas teve que me apoiar. Aí eu fui, eu caí a segunda vez. Eu passei mais tempo, depois me soltei de novo. Aí achei assim isso não era vida pra mim não. Eu sou um cara novo ainda. Eu vi meus amigos tudo morrendo e tal, cara novo que nem eu, até mais novo do que eu tudo morrendo. Morte triste mesmo. Aí eu vi que isso num era vida não. (Informante L.)

Quanto ao universo dos conhecimentos, valores e outros elementos não indexados, destacaram-se: o reconhecimento das falsas amizades (que supostamente desencaminham o protagonista), a revisão do papel da família (visto como fator adjuvante no presente), a compreensão do papel limitado da institucionalização para a reeducação e a crença no poder pessoal para a mudança.

Na perspectiva de K. Gergen e M. Gergen (1986; 2001) sobre tipos de narrativas básicas, os jovens estudados tendem a criar enredos caracterizados por uma linha de estabilidade inicial (geralmente apresentada como uma infância feliz, sem conflitos e sem privação material) que sofre uma inflexão no sentido regressivo, a partir de um evento-chave ou ponto de mutação (por exemplo, a estréia na atividade ilícita). O narrador compreende esse momento como perda da inocência e tende a lamentar tal perda no presente. Segue então uma sucessão de episódios adversos que o distanciam cada vez mais de sua meta (hoje, manter-se dentro da lei). Essa linha regressiva é suspensa após outros pontos de mutação (morte dos colegas, ameaça de morte, sofrimento da mãe, gravidez da namorada), dando lugar a uma linha progressiva que chega até o presente e se estabiliza (com afirmações de "recuperação", de "redenção", de que "é outra pessoa"). O adolescente passa a se ver como mais "maduro" e "responsável", almejando planos de vida que são socialmente valorizados ("emprego honesto", conclusão dos estudos, cuidado da família). Este enredo constitui-se como narrativa de conversão: um discurso centrado na transformação radical do curso de suas histórias; protagonistas que se transformam depois de um período de "ingenuidade" que lhes acarretou violência policial, privação de liberdade, perda da saúde, afastamento da família, estigma social.

Assim, as razões atribuídas ao curso que suas vidas tomaram são construídas a partir de uma consideração sobre estados intencionais próprios e alheios, articulados a uma visão de sociedade, de comunidade e de grupo. A sociedade, na sua visão, é marcada pela violência e desigualdade, predispondo o jovem à entrada precoce no crime. A pressão dos pares, em geral, é sentida como incontornável. Certa "psicologia do adolescente" é pressuposta nas biografias: o adolescente é suscetível a "crises" emocionais, tem dificuldade de tomar decisões, é curioso e imprudente e, muitas vezes, ludibriado ao tentar exercer a autonomia recentemente conquistada. Desse modo, em seu entendimento, torna-se compreensível ou "natural" que um adolescente entre em conflito com a lei em algum momento da vida:

Aí, eu, de vez em quando, eu fico pensando, 'É...por que eu fiz isso?' e tal. Mas é aquela coisa, porque, quando o cara é menor, quando o cara, assim, tá na adolescência, o cara fica com uma dúvida na cabeça, né? Você fica com... como é que eu posso dizer? É... fica com uma dúvida. [...] Primeiro de tudo, aí, eu comecei a andar com certas pessoas que não dava certo. Aí, eu ia pras festas e me incentivavam, me incentivavam, assim, a usar drogas, né? E eu não aceitava. Aí, teve uma certa vez que... todo mundo tem curiosidade, né? De sempre usar a primeira vez. E aí me aviciei, né? Aí, também, eu ouvia aqueles... quando eu era pequeno, eu ouvia aqueles caras que roubavam... e, aí, as meninas tudo 'vixe, ele voltou mais bonito e tal...' Aí, ficava pegando elas no carro. Aí, o cara já sente uma coisa assim, né... 'Rapaz, o cara é ladrão, o cara tem isso... e um cara que não faz nada, um cara direito, umas menina dessa num dá valor...' Aí, o cara já sente assim né... 'Vixe, vou ser ladrão também, né? Vou começar a roubar. (Informante A.)

Aí eu sempre fui um cara quieto quando criança. Minha infância foi legal com meus irmãos e tal. Só que eu fui crescendo e conhecendo a vida como ela é, aí acabei me envolvendo na vida do crime, aí eu pensava que era um mar de rosas... assim, era mulher e dinheiro, pensava que a melhor vida que existia era a da vida do crime, aí eu caí a primeira vez. (Informante L.)

Para o jovem, ao conhecer a “vida como ela é” – quando a vida se torna mais problemática, por causa das novas necessidades de dinheiro, de autonomia, de sexo, de competição –, torna-se difícil “não errar”. Particular atenção pode ser dada ao estilo da narração que faz uso do que Schütze (1992a) chama de “lógica das relevâncias condicionais”, cujo marcador textual mais comum é a proposição do tipo “forçado por isso, eu tive que ...”. Típica de processos de “trajetória individual”, tal como concebido pelo sociólogo, a presença dessas construções em vários relatos de jovens em conflito com a lei sugere uma perda significativa da capacidade de escolha e diminuição temporária da capacidade de planejar sua própria vida. Tal padrão de “seguir o que os outros estão fazendo” parece responder por seu ingresso impensado em práticas ilícitas coletivas. Hipóteses podem ser geradas para futuras investigações sobre os mecanismos sociais que favorecem esse estado de alienação ou declínio da atenção consciente nos indivíduos e grupos em questão.

As escolhas verbais e outros recursos expressivos muitas vezes são reveladores da posição de passividade que o jovem reivindica na entrevista, ao narrar os episódios de delitos. Tais escolhas favorecem sua constituição como vítima passiva de fatores externos, alheios à sua vontade: Não fico mais com certas pessoas que só me levavam pro fundo do poço. (Informante A.)

Aí comecei a andar com aquelas amigadas que a gente pensa que é nossos amigos, só faz arrastar a gente pro buraco. (Informante C. A.)

Primeira vez que eu fui preso... foi na doida, roubar um mercantil. Eu não queria ir não. Mas o cara chegou e escalou e eu tive que entrar. (Informante J.)

As unidades narrativas que tratam da “recuperação” do jovem ou do abandono de atividades ilícitas e da fase posterior de “ressocialização” parecem favorecer estratégias indicativas de uma posição ativa e de uma versão de si mesmo como verdadeiro protagonista (isto é, como autor responsável):

Isso é uma coisa que você tem que decidir sair por si mesmo. Igual eu decidi. Minha mãe tava assim já comigo... só que eu saí e parei de dar dor de cabeça pra ela e tal, só que eu mesmo sei que você tem que decidir por si mesmo. (Informante L.)

O material colhido revela que as narrativas diferem quanto ao grau de “objetividade”. Alguns jovens frisam as ações propriamente ditas, limitando o acesso do ouvinte aos possíveis estados intencionais vinculados às ações. Esta estratégia, geralmente adotando uma linguagem de “realismo indicativo”, produz um efeito de pouca densidade no relato. Acompanha-se a seqüência de episódios, cenários, atores, mas não se compreendem bem as razões e crenças que possivelmente motivaram os atores a fazer o que fizeram. Em menor número, outros jovens adotaram linguagem mais “reflexiva”, com escolhas verbais e gramaticais mais propensas a “subjuntivizar”¹² o relato, assim, dando conta das intencionalidades embutidas nas ações. Uma narrativa objetiva focaliza a esfera da ação em oposição à psicologia dos atores, como no trecho abaixo:

O inimigo passou, eu tava bebendo no dia do meu aniversário, aí eu bêbo, já drogado me revoltei, corri pra dentro de casa, peguei uma faca e saí correndo atrás dele. Aí minha tia foi, correu atrás de mim com o celular na orelha chamando a polícia. Aí eu corri e ele se escondeu. Aí na hora que ela passou de mim, que ela foi por uma rua e eu fui por outra, aí eu bati com ela de frente. Aí ela falando e tudo com a polícia qual é a rua que eu tava, qual é a rua que eu saía, tudo bem direitim, aí eu fiz que ia correr pra cima dela só, aí ela correu, tropeçou no tamanco e caiu. Aí eu peguei e fui, aí fui lá pra casa direto aí cheguei bem peritim de casa e encontrei com outro inimigo. A faca eu já tinha jogado. Joguei porque ela já tava ligando pra polícia; pra não pegar eu com uma arma. Aí o inimigo me viu e correu atrás de mim com um casco de cerveja, aí eu corri pra casa da minha avó. Aí quando eu cheguei lá tava todo mundo, que era Natal, todo mundo bebendo na boa aí cheguei lá o cara ficou do lado de fora [...] (Informante M.)

Na história do informante M., não fica claro exatamente por que a tia em questão estava prestes a denunciá-lo, nem as circunstâncias que envolviam sua relação com o “inimigo”. Em um estilo diferente, relatos mais “subjuntivos” se valem de verbos mentais (por exemplo, pensar, decidir, querer, pretender) e expressões que mitigam a certeza do relato, exercitam os pontos de vista dos atores envolvidos e extraem juízos mais ponderados sobre o que ocorreu. Tais histórias parecem estar associadas à maior maturidade cognitiva e moral, e a aquisição de tal capacidade nos parece particularmente desejável no contexto de uma auto-revisão biográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto de cumprimento de medida judicial, as narrativas de jovens autores de infração reconstróem a memória dos eventos, centralizando a experiência de restrição de liberdade. O jovem passa a ressignificar os episódios da sua vida, dispondo-os em uma nova intriga capaz de fornecer inteligibilidade ao passado, ao presente e ao futuro. Com efeito, mudar de vida e planejar um futuro melhor implicam uma mudança nas antigas “receitas” adotadas por esses jovens (presentificadas em sentenças como “não pensava em nada; só pensava em curtir, sair pra balada, usar drogas”) e a construção de novas receitas e narrativas (como nas expressões “aí eu vi que isso não era vida pra mim não”; “pra mim, minha vida estava fora do lugar, aquilo não era certo”; “eu não sou mais aquele de antigamente”).

Há um campo promissor para a investigação de autobiografias no contexto de experiências juvenis de conflito com a lei. Características tais como incursão precoce em delitos, pressão dos pares, infrações recorrentes e episódios de institucionalização fornecem contextos de interação e práticas discursivas importantes que modelam a autocompreensão do jovem. Os tipos de intriga, os mitos e metáforas fundantes, a trama de pressuposições, os recursos expressivos, os estilos de "resumo" e "profecia" de suas autobiografias revelam-se modos de apresentação pública de si que criam, na própria situação de entrevista, um senso de continuidade do "eu". Este sentido fugaz e contingente de continuidade e sentido existencial é tecido na confluência de muitos lugares, discursos e práticas sociais que são atualizados na interação com o entrevistador.

Neste trabalho, procuramos explorar, com especial atenção, os aspectos referenciais e textuais observados nas narrativas autobiográficas dos jovens, em situação de entrevista. Secundariamente, foi abordada a dimensão interpessoal ou performativa da narração, apresentando-se os efeitos da interação entrevistador-entrevistado na construção dos enredos autobiográficos. Orientando a pesquisa está a compreensão, desenvolvida por Bruner e outros teóricos contemporâneos, de que a experiência de si é um processo inacabado de construção narrativa, em que as pessoas criam enredos de forma a articular temporal e consequencialmente o vivido. Contudo, tais narrativas autobiográficas são transacionais e estreitamente dependentes dos contextos da enunciação, servindo a funções sociais gerais e localizadas, envolvidas nas interações. Estas contingências e limites da narração produzem, portanto, configurações de si que são plurais e contraditórias; os jovens, ao tentar dizer quem são para o entrevistador, procuram criar conexões mediante a criação de enredos (*emplotment*), os quais mudam conforme os momentos da narração. Embora o trabalho aqui exposto tenha focalizado o artesanato de tais enredos, portanto, enfatizando o modo como os jovens constroem uma visão ordenada sobre suas experiências na intriga, observam-se simultaneamente elementos "espaciais" (como o narrador se posiciona e é posicionado por outros) e pragmáticos (o que os interlocutores "fazem" na comunicação), usualmente privilegiados por estudos dialógicos de linhagem bakhtiniana e performativa (como por exemplo, a Psicologia Discursiva).

Nos estudos sobre a narração autobiográfica, parece-nos fecundo encontrar os pontos de diálogo entre perspectivas teóricas que permitem refinar a sensibilidade do psicólogo em sua tarefa de compreender o processo escorregadio com que as pessoas dão sentido a si mesmas e ao seu mundo.

REFERÊNCIAS

- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BROCKMEIER, J.; HARRÉ, R. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 525-535, 2003.
- BRUNER, J. Life as narrative. In: DYSON, A. H.; GENISHI, C. (Ed.). **The need for story**: cultural diversity in classroom and community. Urbana: NCTE, 1994. p. 28-37.
- _____. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. **Realidade mental, mundos possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- _____. **A cultura da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CROSSLEY, M. L. Narrative Psychology, trauma and the study of self/identity. **Theory Psychology**, Sage Publications, v. 10, n. 4, p. 527-546, 2000.
- GERGEN, K. J.; GERGEN, M. M. Narrative form and the construction of psychological science. In: SARBIN, T. R. (Ed.). **Narrative Psychology**: The storied nature of human conduct. Westport, Connecticut: Praeger Publishers, 1986. p. 22-44.
- _____. Narratives of the self. In: HINCHMAN, L. P.; HINCHMAN, Sandra K. (Ed.). **Memory, identity, community**: The idea of narrative in the human sciences. Albany, NY: State University of New York Press, 2001. p. 161-184.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. A Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

KERBY, A. P. The language of the self. In: HINCHMAN, Lewis P.; HINCHMAN, Sandra K. (Ed.). **Memory, identity, community**: The idea of narrative in the human sciences. Albany, NY: State University of New York Press, 2001. p. 125-142.

LOPES DE OLIVEIRA, M. C. S. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, 2006.

_____; VIEIRA, A. O. M. Narrativas sobre a privação de liberdade e o desenvolvimento do *self* adolescente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 67-83, 2006.

POLKINGHORNE, D. E. **Narrative knowing and the human sciences**. Albany, NY: State University of New York Press, 1988.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

SARBIN, T. R. The narrative as root metaphor for psychology. In: SARBIN, T. R. (Ed.). **Narrative Psychology**: The storied nature of human conduct. Westport, Connecticut: Praeger Publishers, 1986. p. 3-21.

SILVA, A. P. S. **(Des)continuidade no envolvimento com o crime**: construção de identidade narrativa de ex-infratores. São Paulo: IBCCRIM, 2003.

SCHÜTZE, F. Pressure and guilt: War experiences of a young German soldier and their biographical implications. Part 1. **International Sociology**, v. 7, n. 2, p. 187-208, 1992a.

_____. Pressure and guilt: War experiences of a young German soldier and their biographical implications. Part 2. **International Sociology**, v. 7, n. 3, p. 347-367, 1992b.

SMITH, B.; SPARKES, A. C. Contrasting perspectives on narrating selves and identities: An invitation to dialogue. **Qualitative research**, v. 8, n. 1, p. 5-35, 2008.

[Endereço para correspondência](#)

Idilva Maria Pires Germano
E-mail: jdilvapg@ufc.br

Francisca Adriana da Silva Serpa
E-mail: adri_serpa@yahoo.com.br

Recebido em: 9 de janeiro de 2008
Aprovado em: 10 de novembro de 2008
Revisado em: 21 de novembro de 2008

¹Este trabalho recebeu apoio financeiro do Programa de Iniciação Científica da UFC. Agradecemos a participação de James Ferreira Moura Jr., João Paulo Lopes Coelho, Ana Rochelle Borges, Joyce Cristina dos Santos Aguiar e Julia Mota Farias, por sua colaboração na realização e transcrição das entrevistas. Agradecemos os pareceristas anônimos deste artigo por fornecerem sugestões valiosas que permitiram maior clareza de nossa argumentação.

²Este trabalho recebeu apoio financeiro do Programa de Iniciação Científica da UFC. Agradecemos a

participação de James Ferreira Moura Jr., João Paulo Lopes Coelho, Ana Rochelle Borges, Joyce Cristina dos Santos Aguiar e Julia Mota Farias, por sua colaboração na realização e transcrição das entrevistas. Agradecemos os pareceristas anônimos deste artigo por fornecerem sugestões valiosas que permitiram maior clareza de nossa argumentação.

³As posições que se incluem no Construcionismo Social, embora compartilhem alguns pressupostos e pontos de vista, também podem divergir significativamente quanto a problemáticas específicas. Crossley (2000) assinala que há oposições importantes entre, de um lado, as vertentes de análise de discurso, análise retórica, estudos pós-estruturalistas e pós-modernistas e, de outro, a Psicologia Narrativa. Para a autora, nas primeiras, *grosso modo*, o *self* é estudado em termos de atos discursivos circunscritos a contextos específicos, tais como apresentar uma imagem de si, justificar-se, culpar etc., a serem abordados de acordo com as funções que desempenham em situações particulares. O agente intencional individual é negligenciado a favor de uma excessiva valorização do contexto, originando uma compreensão do *self* em termos de variabilidade, diferença, fluxo, relatividade. Contrariamente a essa visão fragmentada e caótica do *self*, a autora defende que a Psicologia Narrativa de orientação fenomenológica recupera as dimensões de coerência, ordem e unidade vivencial que as pessoas apresentam no curso da vida prática. Sua posição é embasada em narrativas de experiências traumáticas, como doenças graves, em que o indivíduo tenta reconfigurar um senso de ordem, de identidade coerente e sentido existencial, por meio da criação de enredos.

⁴Uma tipologia das perspectivas teóricas sobre *self* e identidade narrativas é fornecida por Smith e Sparkes (2008) que identificam cinco tradições de estudos narrativos que partilham uma visão sociocultural e histórica da experiência de si, divergindo quanto ao maior ou menor foco dirigido à dimensão pessoal-individual ou social-relacional na construção do *self*. A tipologia mostra-se útil para compreender os pontos de tensão e as convergências entre modelos teórico-metodológicos no campo.

⁵Como afirmam P. Berger e T. Luckmann (1998, p. 95), "Somente uma pequena parte das experiências humanas são retidas na consciência. As experiências que ficam assim retidas são sedimentadas, isto é, consolidam-se na lembrança como entidades reconhecíveis e capazes de serem lembradas. Se não houvesse essa sedimentação, o indivíduo não poderia dar sentido à sua biografia".

⁶As "exigências inerentes da narração", no texto citado de Jovchelovitch e Bauer (2000, p. 94), são: textura detalhada, fixação de relevância e fechamento da Gestalt. Schütze afirma: "A interação de limitações narrativas como princípios dinâmicos do esquema de narração produz a tendência [do narrador] de aderir ao fluxo dos processos biográficos recordados [...]. Mediante a restrição de narrar em detalhes, o narrador focaliza a recordação do fluxo dos eventos vividos individualmente e sua articulação; por meio da restrição para condensar, o foco dirige-se para estruturas processuais gerais no curso da vida; e, por intermédio, da restrição para dar um fecho a formas narrativas, o narrador focaliza os "trabalhos de urdidura", isto é, o autodomínio de eventos vividos e seu encaixe em processos estruturais biográficos de profundidade, amplitude e extensão variados." (SCHÜTZE, 1992b, p. 348, tradução nossa).

⁷Jovchelovitch e Bauer (2002) resumem as vantagens e fraquezas da técnica da E. N. Entre as fraquezas, incluem-se entrevistas muito curtas e ausência de narração central.

⁸Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 106), o material indexado refere-se a proposições com uma referência concreta a "quem fez o que, quando, onde e porque", enquanto o material não indexado compõe-se de proposições descritivas e argumentativas, envolvendo sentimentos, valores, opiniões, legitimações, reflexões, ou seja, os elementos que nos dão acesso às formas de teorização do informante.

⁹Rigorosamente, a categoria de "trajetória" desenvolvida por Schütze (1992a) refere-se a processos biográficos de sofrimento duradouro que dominam a vida da pessoa, tornando-a incapaz de agir intencionalmente e a reagir a forças sociais esmagadoras. A categoria presta-se bem aos estudos conduzidos por Schütze, no contexto das biografias de ex-soldados alemães da II Guerra, para investigar questões teóricas acerca do mecanismo de apagamento (*fading out*) de lembranças das atrocidades cometidas pela máquina de guerra nazista. De fato, a abordagem de Schütze parece focalizar o impacto de processos coletivos sobre os processos biográficos, particularmente o modo como as experiências de sofrimento, culpa e remorso são relembradas e narradas por esses informantes. Embora a dimensão do sofrimento esteja presente nas narrativas dos nossos jovens infratores, ela não consiste no foco central da pesquisa e, nos relatos produzidos, não se apresenta com a intensidade e as implicações que a categoria de Schütze sugere.

¹⁰Fenômenos sociais marcados por um colapso maciço de expectativas de vida e do mundo, declínio e perda dramáticos das capacidades de planejamento da pessoa e uma deterioração severa dos relacionamentos sociais para muitos membros de um endogrupo (*we-community*). (SCHÜTZE, 1992a, p. 191, tradução nossa). Normalmente, a trajetória coletiva produz trajetórias biográficas individuais de sofrimento prolongado e uma destruição das capacidades de planejamento.

¹¹Caracterizado mediante a focalização da atenção consciente de muitas pessoas que são afligidas pelos mesmos problemas ou problemas similares referentes a uma causa comum até o ponto em que suas próprias biografias individuais não são mais consideradas importantes." (SCHÜTZE, 1992a, p. 191, tradução nossa).

¹²O modo subjuntivo é apropriado às orações que exprimem ações ou estados concebidos, isto é, ainda não realizados, em que predominam as idéias de desejo, hipótese, dúvida e outras situações de incerteza ou possibilidade. A partir das contribuições de Todorov, Bruner (1998) discute como a realidade se torna subjuntiva mediante certas operações ("transformações" de modo, de intenção, de estado etc.) que convertem a ação do verbo em um processo psicológico, contingente, vinculado a um

panorama de consciência. As estratégias lingüísticas usadas pelo narrador permitem vislumbrar o modo como reflete sobre as suas experiências e como se posiciona frente às suas próprias razões e intenções e às dos demais agentes que partilharam sua narrativa autobiográfica.